



VAMOS ACABAR COM A PROSTITUIÇÃO

«Se a rua Araújo fechasse continuava a estudar». Esta foi uma das muitas afirmações que registámos neste trabalho. Muitas das pessoas com quem contactámos naquela artéria da cidade, aceitam e são apologistas de um saneamento da rua Araújo.

A droga, a corrupção, violações, cenas de pancadaria e todo um sistema de exploração à mulher, fazem da «rua do pecado» um cancro para a nova sociedade moçambicana.

«A rusga que aqui foi feita devia ser repetida». Outra afirmação vulgar das pessoas que frequentam ou passam diariamente pela rua Araújo.

«Não há turistas na rua Araújo». «Turismo? Onde está?»

Sem turistas, sem a entrada das lucrativas e desejadas divisas a que serve e a quem a famosa rua Araújo?

No início deste apo, o Governo de Transição numa acção conjunta com as Forças Populares da FRELIMO, Polícia e Exército Português levava a cabo uma rusga na Rua Araújo com o fim de iniciar a integração das mulheres daquela rua na nova sociedade. Cerca de 200 mulheres foram detidas e posteriormente enviadas para campos de trabalho devidamente organizados para a sua recuperação e conscientização.

Sobre essa acção do Governo, Carlos Amaral do Clube Nocturno Pinguim dá-nos a seguinte impressão: «Tenho de ser apologista de rusgas como aquela que se efectuou aqui há tempos. Até 15 dias depois da rusga a rua Araújo esteve calma, sem pancadaria, sem mulheres a provocarem quem passava. No entanto, pouco tempo depois isto voltava à «normalidade», isto é, aquilo que era antes da rusga.»

Aida, assim é o nome de uma meretriz que estava num «Bar», explica-nos a razão porque a rua Araújo tinha voltado à «normalidade»: «Quando se fez a rusga eu não fui apanhada porque não estava cá. Muitas das que foram apanhadas conseguiram fugir e algumas já andam aqui nos bares. Mas a maioria está lá nos campos de trabalho da FRELIMO. A rua Araújo está outra vez cheia, porque nos bairros onde vivemos não podemos esperar pelos nossos clientes.»

Dificultada a vida prostituída nos bairros pela acção dos Grupos Dinamizadores, as meretrizes, os que se servem delas e os promotores da prostituição, têm como único campo para «trabalharem à vontade» a «famosa» rua nocturna de Lourenço Marques.

TURISMO

«Turismo? Agora quase que acabou. Há uns bons meses que poucos turistas frequentam a rua Araújo. Nos Cabarés, porque os «shows» têm baixado de categoria, é raro encontrarem-se estrangeiros. Posso dizer que os cabarés vêm funcionando apenas com os frequentadores nacionais». Esta, afirmação de Carlos Amaral, do Pinguim, sobre o turismo. Opinião idêntica ouvimos da parte de um responsável do Tamila: «Não têm aparecido muitos turistas. Nós temos vindo a ser frequentados apenas por pessoas da nossa cidade.» Também um empregado do Café Palace nos confidenciou: «Nem têm aparecido

muitos marinheiros. Os bares eram muito escolhidos pelos turistas e marinheiros, mas há bastante tempo que não vêm. A frequência dos turistas dos bares diminuiu mas aumentou em pessoas de Lourenço Marques.»

ASPECTO GERAL

Cerca de 350 a 400 mulheres exercem diariamente as suas actividades na rua Araújo. Dos números que referimos, à volta de 90, trabalham em Clubes Nocturnos e as restantes vagueiam pelos «Bares», discutem em via pública ou esperam pela chamada de

um homem que as queira levar a dar uma «volta» de Táxi.

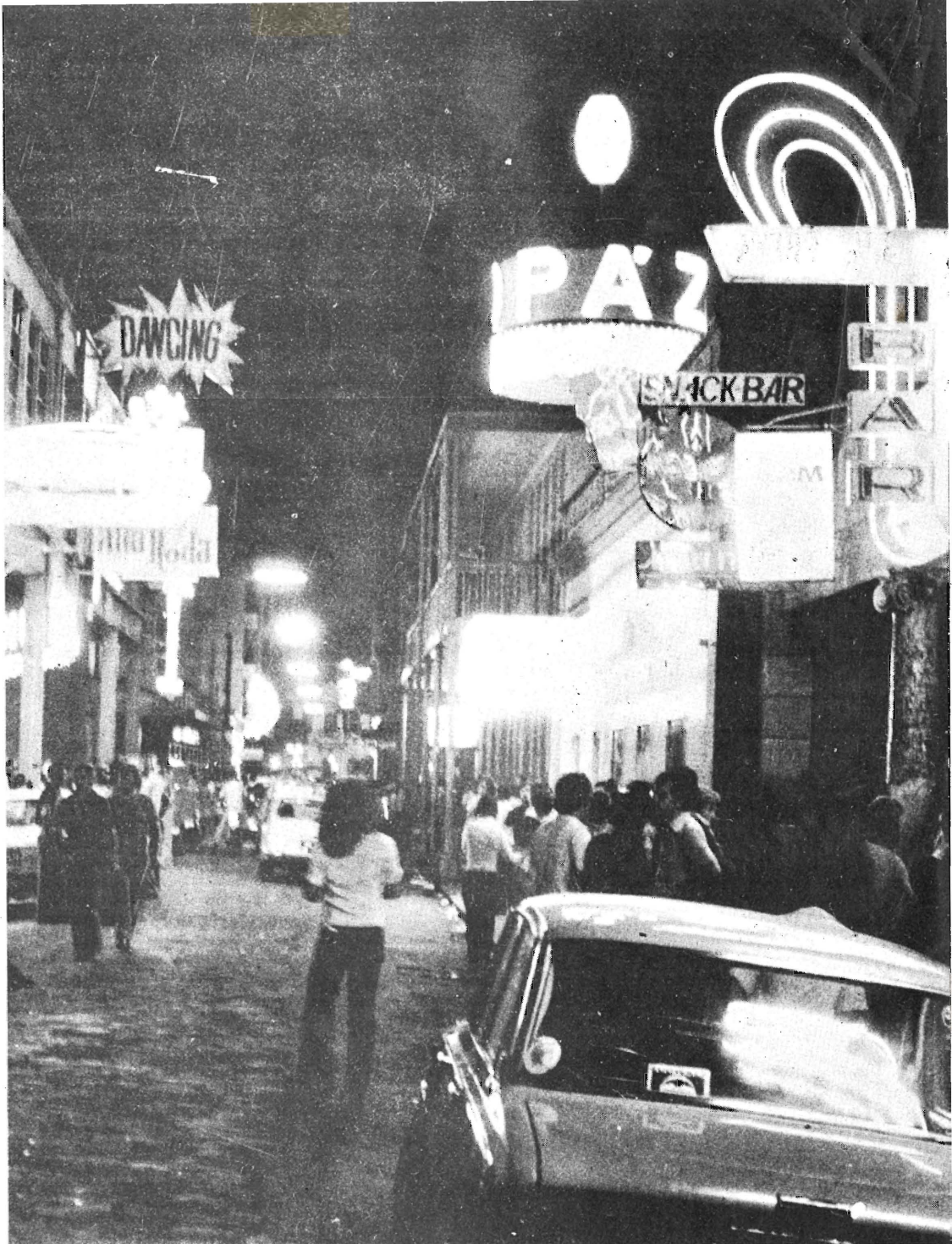
Pudemos verificar que durante uma hora há, normalmente, cerca de três a quatro brigas. Cada uma dura por vezes largos minutos até que as autoridades lhes ponham cobro. Outro aspecto de salientar é a concentração maciça de táxis à hora do fecho dos «Bares». Num dos dias que ali nos deslocámos contámos 22 táxis que tapavam por completo a rua porque estavam mal estacionados. Também a famosa multirraciedade que o Governo fascista propagandeava com a rua Araújo descambou em racismo. Provocações ráci-

cas entre homens e mulheres são constantes. Viemos inclusivamente a saber por um dos guardas de um prédio daquela rua, que são violadas mulheres num beco por andarem com homens que não têm a sua cor. A africanização dos «shows» nos cabarés também é nota significativa.

Mas, analisemos especificamente cada um dos pontos apresentados.

BRIGAS: DO ALCOOLISMO AO REACCIONARISMO

O alcoolismo será dos principais cancos a alimentar as brigas constantes da



“ÀS VEZES NÓS NÃO QUEREMOS IR COM UM HOMIM, HÁ OUTRO QUE GOSTAMOS MAIS. AQUELE QUE NÃO FOI ESCOLHIDO COMEÇA LOGO A REFILAR: SUA PRETA AGORA VOCÊS ATÉ SE DÃO AO LUXO DE ESCOLHER...”



Na página à esquerda: Debaixo da esplendorosa decoração luminosa tem lugar um modo de vida decadente. Ajuntamentos de homens e mulheres na procura de meia dúzia de minutos de «prazer» em troca de duas ou três «notas».

Em cima, à esquerda: A Rua Araújo é o local ideal para os sul-africanos esquecerem o racismo pela compra de uma mulher. Os randes, o dinheiro, é quem comanda a prostituição dentro dos sistemas capitalistas. Em Moçambique, é preciso liquidar definitivamente com este tipo de exploração.

Em cima, ao centro: A idade não conta. Só o corpo

rua Araújo. Todo o indivíduo que quer beber muito, que quer realmente embebedar-se, só o pode fazer nos «bares» daquela rua. Várias razões podem ser apontadas para este facto. Porque as bebidas nesses bares são muito mais baratas que nos Cabarés. Num Cabaré um simples refrigerante custa 15 escudos, uma cerveja pequena 25. Quem quiser beber em doses industriais terá de o fazer nos bares, e uma meretriz só pode ser arranjada num «bar» também. Em Cabaré há o problema das «fichas» e o horário que ela tem de cumprir. Estes aspectos contribuem para a grande aglomeração dos clientes e promotores da

prostituição naquela rua. Grande aglomeração, álcool por todos os lados e à mais pequena palavra agressiva, cena de pancadaria.

Uma autoridade de serviço a um cabaré confiou-nos: «Por noite chegam a haver umas dez cenas de pancadaria. A maioria das brigas acontecem derivadas do excesso de álcool que os intervenientes consomem. Por vezes saem dos bares e vêm para os clubes com bebida a mais, começando-se a meter com todas as mulheres, acompanhadas ou não. Depois aparece algum que não gosta da brincadeira e pronto, já estão à pancada.»

Outro local bastante escolhido para o tipo de cenas

que estamos a referir é junto aos táxis. Se faltam táxis e, por acaso há dois casais para um só Táxi é quase garantido que os dois homens se vão pegar à pancada. Aqui a bebida também é factor preponderante.

DROGAS

«Tens stuff? Queres fumar comigo?» «Queres vir chupar passa? É nice pá, anda comigo.»

Frases como estas são vulgares. Mulheres viciadas, procurando as pessoas pela droga, por um cigarro de suruma, tornou-se um hábito na rua Araújo. Também os viciados encontram na

quela rua o local ideal, para através das meretrizes viciadas fazerem as suas compras em termos demasiadamente confidenciais ou de «mais barato».

«Elas passam a vida a drogarem-se. Nas esquinas mais escuras, nos becos, e às vezes até nos próprios bares elas se drogam. Vão passando o cigarro de umas para as outras, depois riem-se, bebem mais cerveja, riem... Enfim é uma festa.» Confienciou-nos um empregado de um «bar».

RACISMO

O racismo é ainda frequente na rua Araújo. Todo

o indivíduo que não aceite o antirracismo encontra naquela rua o local ideal para matar saudades dos tempos antigos. É vulgar ouvir-se: «*preto ordinário*», «*vocês não estão preparados*», «*suka daqui, esta não é a tua terra*», «*anda cá minha mulata bonita*», «*que rica preta*».

O multirracismo é bem aceite, ou antes pelo contrário: é obrigatório. Ali os sul-africanos estão nas suas sete quintas. Podem dar largas à experiência de andar com o «*fruto proibido*». Mas esse multirracismo só tem um sentido, o do homem para a mulher.

As manifestações ráticas estão a atingir um grau muito elevado. Normalmente a rua está sempre cheia de miúdos. Miúdos marcados pela opressão colonial-capitalista. Viram as suas irmãs e as suas mães muitas vezes serem obrigadas a ceder pelo poder do dinheiro e do sistema que a isso favorecia. Muitos, ao verem aquelas que podiam ser suas irmãs na mesma vida, acirram-se e caem em manifestações ráticas. Dão-se muitas brigas por um branco ir acompanhado de uma preta ou mista.

VIOLAÇÕES

«*Eu já assisti por duas vezes a duas mulheres serem obrigadas a terem relações com vários homens por terem andado com pessoas brancas. Eles trouxeram-nas para aqui à força e depois obrigaram-nas a despir e a deitarem-se no chão. Uma levou muita pancada até que se deixasse vencer pela vontade desses homens. A outra talvez tenha percebido que não valia a pena estar a defender-se e eles não lhe bateram.*» Esta afirmação foi-nos confiada por um guarda de um prédio vizinho ao local onde foram praticados os actos descritos. Esta testemunha pediu-nos que não utilizássemos o seu nome dado que tinha medo de poder vir a ser molestado.

O nosso interlocutor ainda acrescentou: «*Enquanto se estavam a aproveitar delas diziam-lhes: então sua ordinária você continua a andar com esses homens que nos trouxeram a desgraça?*»

Também se tornou vulgar o insulto às meretrizes por estas por vezes não escolherem certos homens. Sofia Canjate é quem nos diz: «*Às vezes nós não queremos ir com um homem, há outro que gostamos mais. Aquele que não foi escolhido começa logo a refulgar: sua preta, agora vocês até se dão ao luxo de escolherem. Outras vezes começam-nos a bater,*



Durante o dia, garotas e mulheres vão preparando a «noitada».

com apalhões e a chamar nomes.»

REACCIONARIOS

«*Muitas daquelas pessoas que fugiram logo a seguir ao 7 de Setembro costumavam encontrar-se aqui*» — Confirma-nos um empregado de um dos Cabarés. «*Mesmo agora aqueles que não gostam do novo Governo tratam-nos mal. Eles aproveitam-se deste sítio para se vingarem em nós daquilo a que agora não podem fazer.*»

Tivemos oportunidade de assistir a injúrias proferidas contra um guarda da PSP de serviço num Clube Nocturno: «*Nós ainda somos todos portugueses. Não te armes em esperto que a bandeira portuguesa ainda está*

de pé». Este tipo de provocações reaccionárias são vulgares.

CLUBES NOCTURNOS: A AFRICANIZAÇÃO DAS PISTAS

«*O Pinguim tem 15 raparigas moçambicanas cujos ordenados mínimos são de 2500 escudos. Este ordenado é acrescido no fim do mês com o total de (fichas) feitas durante esse tempo.*» Carlos Amaral, dono do referido Clube.

«*Temos o melhor lote de miúdas de todos os cabarets da cidade.*» Sr. Carvalho, do Clube Nocturno Alta Roda.

A africanização dos shows é realmente, a maior modificação que se pode notar

dentro dos Clubes. Até à pouco era raro, muito raro, encontrar-se uma moçambicana fazendo parte de um «show». Agora só há moçambicanas. No Pinguim, Alta Roda, Tamila, Luso e outros Clubes é patente a africanização das empregadas-artistas.

«*Escreva aí que eu amo o Jack*» — «*Se a rua Araújo fechasse continuava a estudar. Tenho idade para isso.*»

Raquel, do Alta Roda, tem 21 anos e é natural de Lourenço Marques. É artista de strip-tease desde Outubro do ano passado. «*Numa festa em que eu estava, apareceu lá um senhor, o Alex que trabalhava para um cabaré. Ele gostou muito de*



No bar é onde se
arranja e estabelece o «contrato».

“TEMOS O MELHOR LÔTE DE MIÚDAS DE TODOS OS CABARÊS”

me ver dançar e no fim da festa pediu que eu me despiasse para me ver o corpo. Mandou-me ir no dia seguinte ao Pinguim para um pequeno ensaio. Fui lá e ele gostou muito de me ver a movimentar na pista. Treinei durante três dias e ao fim desse tempo apresentei-me em pista integrada num show»

Alienada, Raquel continua no entanto a ser possuidora de uma certa humildade própria do meio da vida em que viveu. «Eu ajudava a minha mãe no Bar. Agora tenho a minha casa. Mesmo assim ajudo a pagar os estudos de duas irmãs. Uma está no 5.º e outra no 4.º ano. Estou a acabar de pagar uma casa da minha mãe em Benfica e também ajudo

para o sustento dos filhos de uma tia»

ALIENAÇÃO

«Eu gostava de ser uma artista de cinema». Raquel ganha aquilo que nunca pensara poder vir a conseguir. «Comecei por ganhar 206 escudos por dia. Depois vim para o Alta Roda e passei a ganhar 300 escudos diários. Normalmente, com o ordenado base e com o que tiro em (fichas) alcanço os 17 contos, às vezes 23. É conforme faço mais ou menos fichas».

Como qualquer outra mulher alienada, os vestidos, a roupa e o «parecer bem» é que conta. «Tudo o que sobra do meu ordenado gasto em vestidos. Passo a vida a

comprar roupa, não posso ver um vestido bonito numa montra.»

O sonho de vir a ser grande, o culto da personalidade, o estrelato do tipo hollywoodesco. O nunca pensar no dia seguinte, nunca pensar que o corpo pode falhar, são características fundamentais que servem da melhor maneira o homem explorador. Hoje ela é a melhor, amanhã será esquecida. Que interessa isso para quem explora o corpo das mulheres?

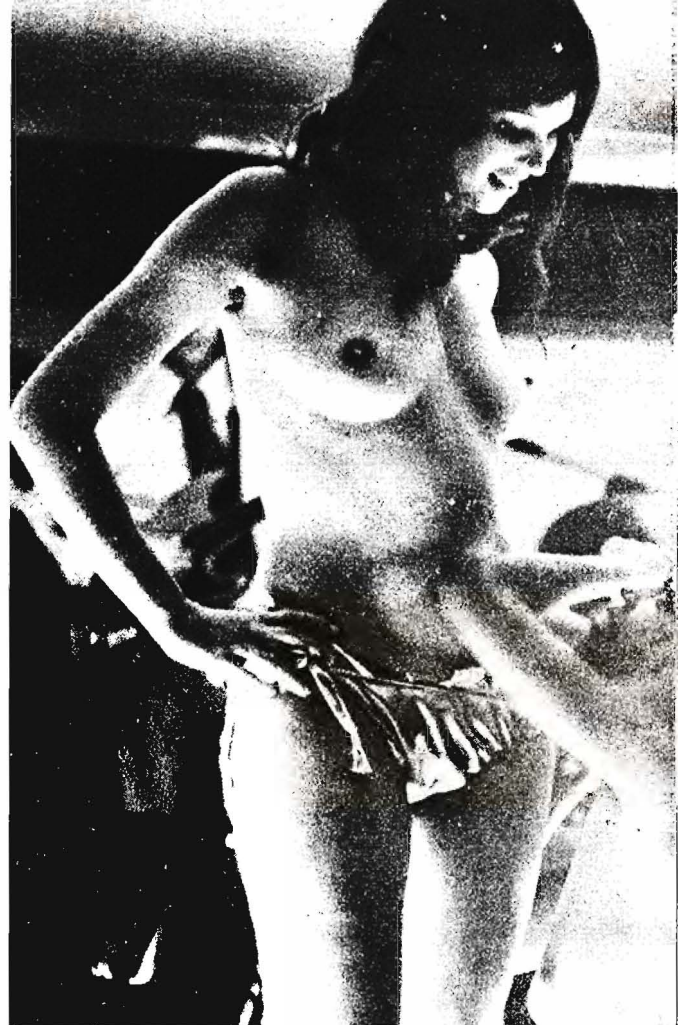
EXPLORAÇÃO

Qualquer empregada ou artista de cabaré tem contrato. Esses contratos, salvo raras excepções, têm a duração de três meses. Não exis-

te qualquer seguro para o caso de doença ou acidente. Fazer fichas é o que importa ao patrão, quem não faz fichas: RUA!

O sr. Carvalho do Alta Roda, enquanto mantinhamos conversa com Raquel, afirmou: «Agora já não precisamos das gregas, espanholas ou brasileiras. Temos a melhor Strip-teaser da rua Araújo e é moçambicana. Estamos a formar grandes artistas para o país novo e renovado».

Não é difícil promover negócio tão chorudo. Uma garrafa de whisky custa ao cliente 1500 escudos, a empregada-artista recebe de fichas 300 escudos. O resto é para o patrão. Um copo de whisky custa ao cliente 150 escudos, dá em fichas 25 es-



Raquel, 21 anos, é «streap-teaser» de um clube nocturno. «Se a Rua Araújo fechasse, continuava os estudos. Tenho idade para isso».

A direita: «Shows» pornográficos são garantia de boas receitas. A pornografia, a exibição do corpo como atractivo para a criação de um ambiente degradante e favorável à exploração das mulheres pelas «fichas» simboliza a crise em que vivem as sociedades ocidentais. No dia 7 de Abril comemorámos o dia da mulher moçambicana. As moçambicanas têm à sua frente uma dura luta a travar contra os vícios que corrompem a nossa sociedade.

cudos. O resto é para o patrão.

Se nos bares da rua Araújo se encontram raparigas de 14, 15 e 16 anos, nos cabarés também. Num deles avisaram-nos «cuidado com a idade das moças».

Encontrámos uma rapariga com 15 anos, foi convidada a participar num show, aceitou trabalhar, mas até agora ainda não tem contrato. «Descontam-me todos os dias dinheiro para o táxi e para a comida, mas eu não sei quanto ganho. Somos obrigadas a fazer fichas, tenho feito, mas quanto tenho a receber também não sei.»

TAXEIRO: PROMOTORES BENEFICIÁRIOS DA PROSTITUIÇÃO

«O dono de um táxi vai-me buscar a casa e eu não

lhe pago nada por isso. Quando tenho de levar algum homem para casa vou no táxi daquele homem que me trouxe.» É assim que Margarida nos explica como vai e vem de casa. Os taxeiros chegam a procurar meretrizes nos bairros suburbanos para as trazerem para a rua Araújo. Quando estas arranjam algum cliente passam a ter por obrigação usarem o táxi que as trouxe para a «vida». Os taxeiros beneficiam ainda deste negócio, praticando tarifas altas durante o trajecto que fazem com as meretrizes que transportam acompanhadas pelos respectivos. Principalmente quando levam turistas ou embriagados que não têm tempo de olhar para o contador.

Dá-se uma volta pela cidade e as praças de táxis estão vazias. A da rua Araújo também não foge a essa regra. Mas, se por acaso lá se encontra um carro da praça durante o dia, é muito raro conseguir-se alugar

o transporte: «Desculpe, mas estou comprometido». É a resposta que se obtém. De noite, depois da saída do cinema muitas pessoas que lá se dirigem também recebem respostas idênticas.

Os táxis que estão na praça próxima da rua Araújo só ali estão para o trabalho em colaboração com as prostitutas com quem têm contratos. É um vai e vem constante de táxis de todas as praças de Lourenço Marques durante as horas em que os «bares» estão abertos.

PROSTITUIÇÃO: UM SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

A prostituição é considerada no mundo capitalista como «a profissão mais antiga do mundo». Realmente, que espécie de profissão é esta em que se vende o corpo? A prostituição será, quando muito, das formas

mais antigas de exploração. É sabido que só excepcionalmente uma prostituta não acaba os seus últimos dias na ruína, degradação total ou uma doente mental.

Em Moçambique a prostituição era fortemente protegida pelo sistema colonial-capitalista. Por se tratar de uma grande fonte de receitas a rua Araújo sempre foi protegida pelos colonialistas. Era ali que os turistas, através da prostituição, deixavam ficar enorme quantidade de divisas. Era usada como cartão de visitas pelos colonialistas — o multirracismo tipo Brasil era uma arma na mão dos coloniais. Por outro lado, servia perfeitamente como forma de opressão sobre a mulher — carregar de vícios a sociedade moçambicana de modo a corrompê-la e dividi-la. Tudo isto ainda se pode ver na rua Araújo. Perversão de menores, droga, corrupção, mulher-objecto para o homem usar, são realidades que gritam aos nossos olhos

A direita: No caniço é onde se inicia o aliciamento à prostituição aproveitando-se os exploradores da situação em que vivem muitas das moçambicanas. Depois os «taxeiros» e por fim a ambiência da Rua Araújo transformam essas mulheres em objectos de consumo.



POSSO DIZER QUE OS CABARETES VÊM FUNCIONANDO APENAS COM OS FREQUENTADORES NACIONAIS.

numa rua em que tudo se consome e nada se produz.

EFEITO DA RUSGA

A rusga efectuada no início do ano foi a primeira tentativa de integração das mulheres alienadas e exploradas da rua Araújo na nova sociedade. No entanto, a maioria das que ainda continuam a viver dos clientes da rua Araújo não encaram bem a sua integração na produção. Completamente alienadas pela vida que levam há anos não conseguem aperceber-se da opressão e exploração a que estão submetidas.

A este respeito diz o camarada Presidente Samora Machel: «O processo de alienação mental atinge o ponto culminante quando o elemento explorado, reduzido à passividade total, já não consegue imaginar que possa existir uma possibilidade de libertação, e ele próprio se torna em agente difusor

da teoria da resignação e passividade. Devemos reconhecer que a dominação multi-secular da mulher a reduziu em grande parte a este estado de passividade, que a impede mesmo de compreender a sua condição».

Exemplo vivo da transcrição anterior são as palavras de uma mulher que estava na rua Araújo. «Para que é que nós temos de ir trabalhar para o campo, ou noutra sítio qualquer quando aqui ganhamos bem. Nós ganhamos muito, não somos como os que trabalhavam no cais. Esses antes de 25 de Abril ganhavam uns 20 escudos por dia, agora é que estão a ganhar melhor. Aqui não há nenhuma mulher que ganhe menos de cem escudos por dia».

Interrogada sobre como iria ganhar a vida quando o seu corpo já não satisfizesse os homens respondeu: «Eu não quero saber da vida daqui a vinte anos. Você está-me a perguntar

isso porque já sabe que não vai ter problemas, mas eu sei como vai ser a minha vida. Eu não estudei, você estudou. Por isso eu não sei juntar dinheiro e você sabe».

NOTA FINAL

Trezentas e tal mulheres alienadas estão diariamente na rua Araújo. A sua reintegração na nova sociedade moçambicana é urgente. A passividade perante a exploração a que estão submetidas, a vida corrupta que levam e a constante colaboração por parte dos homens, para a degradação e alienação, necessitam urgentemente de ser sanadas.

Se disséssemos que a rua Araújo é um museu vivo daquilo que a mulher não deve ser, não estaríamos longe da verdade. Torna-se

necessário mudar a vida destas mulheres. A emancipação da mulher é uma das batalhas a travar no Moçambique novo e a rua Araújo é o símbolo do inimigo a liquidar.

A prostituição não é um mal sem cura. Em Moçambique já se iniciou a criação de condições para o aproveitamento e recuperação de toda a mão-de-obra até hoje desperdiçada, entre ela, aquela que é constituída pelas prostitutas.

Uma equipa de reportagem da «Tempo» deslocou-se a Inhambane onde visitou os campos de reeducação de marginais. Sobre esse trabalho daremos notícia no próximo número.